

PASSOS

Revista internacional de comunhão e libertação

Junho 2020

06



O despertar do humano

Editorial

Um caminho para começar de novo

Agora chama-se “fase dois”. E está bem assim, mesmo que os limites entre o “antes” e o “depois” sejam muito mais vagos do que uma data sublinhada no calendário e nos continuem a fazer ficar com a respiração suspensa. O início desta nova etapa após o momento mais crítico da pandemia não é igual para todos: chega para alguns, enquanto outros ainda estão no meio do drama ou até correm o risco de entrar nele apenas agora (se se pensa em África, para a qual muitos olham com apreensão mais do que compreensível ...). Ainda assim, está claro que a expectativa é grande e é tanta a esperança que surge numa expressão: “começar de novo”. Mas o que é preciso para realmente começar de novo?

Regras e medidas, sem dúvida. Comportamentos responsáveis que ajudem a apagar os focos do vírus e a evitar que se reacendam. Repartir tarefas entre todos, porque, enquanto a curva do Covid declina, a da crise económica corre o risco de disparar. E a lista de coisas úteis e indispensáveis poderia continuar. Mas antes de tudo isto, há uma condição. A que Julián Carrón, responsável do CL, sintetizou no título do seu último livro, publicado nas últimas semanas: “O despertar do humano”. Da pandemia “sairemos mudados, mas só se começarmos a mudar agora”, diz nesse texto. Ou seja, “se estivermos presentes no presente e aprendermos agora a ajuizar o que estamos a viver”. Quer dizer, se a nossa humanidade, de facto, tiver despertado.

Quisemos aprofundar este ponto. Perceber o que é este despertar, quais são as suas características. Nas palavras de uma série de personagens que quiseram confrontar-se com as ideias contidas neste livro (temos seis entrevistas no Primeiro Plano, é um facto insólito; mas, mais do que nunca, neste momento é uma dádiva encontrar companheiros de caminho que ajudem a aprofundar o que está a acontecer...). São testemunhos de pessoas que mostram como o impacto com uma realidade dura, imprevisível na sua crueza, em vez de mortificar a nossa liberdade, pode ajudá-la, movê-la, despertá-la. Pode dar origem a perguntas penetrantes e a uma tensão sem tréguas às respostas. Pode fazer-nos chegar a uma consciência de nós mesmos e do outro - do valor do nosso eu e da realidade - que não tínhamos ganho antes.

Porque a verdadeira prova destes dias, mais ainda do que os testes ou análises serológicas (importantíssimos, é claro), será ver-nos em ação. Identificar os sinais desta humanidade despertada, em nós e nos outros. E dar-lhes espaço, segui-los. Para não interromper o caminho.

Cartas

Inês, Gonçalo

Viver à altura do desejo

No dia em que voltei a ir à missa, quando me ajoelhei para rezar depois da comunhão, a primeira coisa que me veio à cabeça foi “isto é uma chatice!”. Estar de máscara uma hora, ter de desinfetar as mãos antes, durante e depois, e, sobretudo, ter de obedecer aos voluntários que me dizem quando, como e onde é que tenho de me sentar, levantar, comungar, etc., é muito incómodo. Naquele momento dei-me conta de que nos últimos dias de quarentena tinha começado a alimentar uma imagem romântica do regresso à participação nos sacramentos, que a realidade não cumpriu. Na minha cabeça, poder voltar a ir à missa, comungar e estar em silêncio diante do sacrário tinham-se tornado uma espécie de oásis-momento-zen que me serviria para, pelo menos por alguns momentos, esquecer a realidade.

Neste estado de espírito, as regras de higiene que agora estou obrigada a cumprir sempre que quero entrar numa igreja, pareceram-me, ao princípio, profundamente distrativas. Um obstáculo que eu teria de suportar e superar para, depois, conseguir o tal momento zen. O incómodo com que fui confrontada ao retomar a vida sacramental pôs-me novamente diante da pergunta: Como é que eu quero viver a minha vida? A gerir/contornar e, em última análise fugir, daquilo que me custa?

Saí da missa contente, porque Cristo se fez presente através da minha fraqueza, e obrigou-me a retomar consciência de que o que quero verdadeiramente não é contornar (aparentes) obstáculos, mas viver à altura dos desejos que Ele vai pondo no meu coração. Acho que só nesse momento se tornou verdade que eu vou à missa para O encontrar.

Inês, Lisboa

*Cristo se fez presente
através da minha
fraqueza, e obrigou-me
a retomar consciência
de que o que quero
verdadeiramente não é
contornar (aparentes)
obstáculos, mas viver à
altura dos desejos que
Ele vai pondo no meu
coração.*

Onde repousa o coração

Confrontei-me cá em casa com um dado imprevisto que irrompeu na nossa vida quotidiana. Essa mudança impôs uma mudança drástica no estilo de vida, suscitando perguntas. Logo no início, a 11 de março, a escola dos nossos filhos fechou e a primeira pergunta face à inexistência de respostas foi, e agora, o que é

que vai acontecer? Telefone a um padre meu amigo para me confessar e diz-me que as igrejas vão fechar. Subo a escada até casa com as lágrimas a escorrerem-me pela cara abaixo. Podiam-me tirar tudo menos a confissão e a comunhão! Porquê? Porquê comigo? Porque tenho de sofrer?

De repente ficámos 2 pessoas em casa em teletrabalho e 5 crianças entre os 4 e os 13 anos, sem aulas no início, mas com professores a enviarem-lhes trabalhos diariamente. Fiquei desesperado: não conseguia responder à situação. Como ia arranjar de um dia para o outro 5 computadores para cada filho? Falei com a Diretora da Escola a minha inquietação. E foi perante esta Presença verdadeira e amiga que fui posto no lugar quando me disse “Numa guerra se o inimigo tem uma G3 também temos de ter uma!”. A partir daí o lamento foi-se desvanecendo e pus-me a caminho. Comecei aqui e ali a procurar maneira de arranjar computadores para todos. E de repente começaram a aparecer empréstimos de todos os lados. Nosso Senhor nunca me falha! Basta pedir!

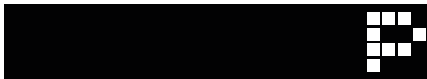
Passado um mês e com o recomeço das aulas foi necessário investir num novo router, em extensores de sinal, impressora ... enfim um sem número de equipamentos que não tínhamos. Foi nessa altura que também chegou uma proposta de rescisão do contrato de trabalho da minha mulher que, entretanto, se transformou em layoff, e encurtou mais ainda o nosso rendimento mensal. Logo agora numa altura em que os gastos eram cada vez maiores em água, gás, eletricidade, supermercado, só se poupava na gasolina... Foi aqui que recorri à memória. Ao longo da nossa vida de casados, e já vai para 16 anos, não era primeira vez que nos víamos privados de rendimento e Nosso Senhor nunca nos falhou, e como tal, não nos iria falhar agora. Se são estas as circunstâncias são estas que são para viver! Poderiam ser misteriosas, não claras, mas são para nós! Confesso que 3 meses depois, olhando para trás, considero um milagre o que se passou lá em casa pois nunca pensei que “sobrevivêssemos” 7 pessoas 24h/dia numa casa em que “normalmente” estávamos das 19h às 8h. Muitos foram os dias em que cheguei ao final do dia com a sensação de não ter feito nada, tal era o desgaste provocado pelo trabalho, que tem sido bastante, quer pelas constantes falhas de internet, quer pelas aulas em simultâneo que por vezes eram ensurdecedoras. O meu coração só repousava ao ver os rostos de cada um, na diaconia, na escola de comunidade ou nos diversos encontros, e foram muitos!, que aconteciam via zoom. Vivia com a certeza de que ao longo da minha história

Nosso Senhor nunca me abandonou e agora também não o iria fazer! Estou muito grato por este lugar que me sustenta, sejam as circunstâncias claras ou misteriosas e me faz estar disponível para aceitar o chamamento que vem da realidade.

Gonçalo, Lisboa

*Estou muito grato
por este lugar que me
sustenta, sejam as
circunstâncias claras
ou misteriosas e me faz
estar disponível para
aceitar o chamamento
que vem da realidade.*





nº 5 junho 2020

01 *Editorial*

02 *Cartas*

05 *Primeiro Plano*

06 *Em que ponto nos encontramos*

09 *Um Deus humilde*

14 *Fora do sono*

18 *Um jogo de crianças*

22 *A descoberto*

27 *Percursos*

34 *A História*



primeiro plano

*Vozes de um tempo
que não está
«suspenso». É antes
uma aventura de
vida: o terreno em
que amadurece uma
mentalidade nova*



*O despertar
do humano*



Em que ponto nos encontramos?



Luca Fiore

Um profundo renovamento. «O sentido visceral de vocação». O poeta e escritor nova-iorquino Paul Mariani conta-nos o que está a descobrir e qual é o centro do despertar do humano.



«É um livro que atinge o alvo: o despertar da nossa humanidade! Boom! É precisamente o que me está a acontecer a mim». Paul Mariani é um senhor nascido em Nova Iorque em 1940, de pais italianos. É professor emérito no Boston College, onde ensinou Poesia e literatura. Enquanto crítico escreveu algumas importantes biografias de autores americanos entre os quais William Carlos Williams, Hart Crane (da qual foi feito um filme com James Franco) e Gerard Manley Hopkins. A última,

sobre Wallace Stevens, foi finalista no National Book Award. Este ano saiu a sua oitava recolha de versos, *Ordinary Time*.

Hoje está reformado e vive no campo em Massachusetts, onde o drama americano do Coronavírus entra pelo ecrã da televisão. Teve ocasião de conhecer a obra de don Giussani e diz: «Os seus escritos e os de Carrón ajudaram-me muito na minha vida de escritor católico». Recebeu há pouco mais de duas horas, o ficheiro de *O despertar do humano* e já está a responder por mail: «Li-o e foi um verdadeiro consolo».

O que é que mais o impressionou?

Eu e a minha mulher vivemos fora da cidade e estamos relativamente seguros. Temos um filho jesuíta que está em Nova Iorque, no Bronx, e ali a situação é muito diferente. Preocupamo-nos, mas ele diz que está tudo bem. Tenho um amigo que estava numa casa de repouso para veteranos, e foi um dos primeiros a morrer com Covid. Aí percebes que o vírus te pode vir buscar até em casa. Sabemos que na nossa idade somos as pessoas de maior risco. Ligas a televisão e não podes deixar de ouvir as notícias sobre os contágios e sobre as mortes. Mesmo assim, ainda há gente que continua a pensar – e não sei como seja possível – que nos estão a enganar, como se o vírus fosse inventado. É uma realidade! Carrón diz-nos imediatamente: devemos dar-nos conta do impacto da realidade sobre nós. E acrescenta: a realidade esteve sempre ali, nós é que não nos

dávamos conta. Vivíamos as nossas vidas, víamos a televisão, bebíamos um belo copo de vinho, tudo decorria como sempre. Depois a dada altura entra alguma coisa e muda tudo. E nem sequer se pode ir à Igreja. Eu tenho sorte e tenho tempo para reflectir. E posso concentrar-me naquilo que está a acontecer. E naquilo que está a suceder em mim próprio.

E o que é que lhe está a acontecer?

Eu e a minha mulher voltámos a perguntar-nos: em que ponto nos encontramos? Qual é o verdadeiro significado da nossa vida? É isto, julgo, o “despertar do humano”. E foi inevitável pensar em Cristo.

Como assim?

É um pouco como se Ele se tivesse voltado e me olhasse. O despertar do meu humano só pode ter um centro religioso. É aquele olhar que continua a voltar.

Há alguma coisa que tenha descoberto sobre si neste “tempo vertiginoso”?

Uma coisa que percebi é que quero continuar a escrever poesia. Comecei a ser perseguido pelos meus antepassados italianos, da zona de Compiano, na província de Parma. O meu coração regressa ali e pergunta-se: quem são estes fantasmas? Que realidade encontro ao voltar ali? Continuo a reflectir sobre aquilo a que se chama “o poeta-filósofo”. Como é que as duas linguagens, a da filosofia (recentemente temos lido muito Kierkegaard) e a da poesia, podem falar entre si? E julgo que o podem



Paul Mariani (Nova York, 1940) é poeta e professor emérito no Boston College. Publicou mais de 250 artigos e é autor de 19 livros, entre os quais a biografia de William Carlos Williams, Gerard Manley Hopkins e Wallace Stevens. A sua vida de Hart Crane, *The Broken Tower*, é um filme dirigido e interpretado por James Franco. O seu mais recente livro é o *Ordinary Time: Poems* (Slant, 2020).

“Comunhão”: é para o que tende o meu coração. Falo disto quando penso naquela dança com as pessoas com quem gostaria de dançar. Com quem gostaria de cantar.

É uma dança difícil a que se dança hoje, em que nos é imposta uma distância.

Sim, mas eu sinto fome dessa dança. Faz-me imensa falta poder abraçar os meus netos e os meus filhos. Sou italiano e isto faz-me falta, para o bem deles e para o meu próprio bem. Quando se puder fazer, vou sair e abraçar toda a gente pela rua. Agora que nos foi tirado, percebemos melhor o seu sentido. É verdade que tanta gente continua a morrer. Há um sentido de morte. De sepultura. Mas quando sairmos teremos um sentido renovado da vida. Mas tenho ainda mais vontade de estar com as pessoas, de falar, rir, de partir o pão com elas, do que antes.

Também para si, numa circunstância deste tipo, a vida é “vocação”?

Sim, não é como no Ano Novo, em que fazes propósitos e ao fim de uma semana já os esqueceste. Aquele sentido de vocação, de renovação profunda, é visceral. Gostava de o alcançar. É como se tivesse estado morto e, de repente, depois de três dias, fosse ressuscitado como Lázaro. O que farias? Só poderias testemunhar o que te aconteceu. Com o passar do tempo procurei cada vez mais fazer isso: testemunhar a minha fé, a bondade e um sentido de optimismo último. Porque, independentemente do que nos aconteça, Cristo está sempre aqui connosco. Na pintura medieval Cristo está ali a olhar para ti. Cristo crucificado. E depois o Cristo ressuscitado que te diz: «Vamos almoçar nas praias do lago da Galileia». E hoje, para mim, é continuar em frente, partilhar aquele pão que Ele nos dá, partilhar o que és. Tenho quase oitenta anos e não quero que este desejo em mim desapareça. Quero fazê-lo enquanto tiver forças. Quero ir-me embora, como se diz na minha terra, com as botas calçadas. ■

fazer. E que dizer aos meus amados antepassados de Compiano se os encontrasse? Sinceramente não sei. Mas seguramente seria alguma coisa para além da linguagem. Deveria ir mais longe para que fosse um encontro. A imagem que uso é a da dança, a da música, Poderia ser uma música não audível, mas uma música real. Profundamente real.

É difícil imaginar.

Quando li os místicos vi que, às vezes, a linguagem pára, não pode ir mais além, porque só temos isso. E para um escritor é frustrante. Mas é uma experiência real. Como é que comunicamos aquela realidade? Penso que isto faz parte do que o Carrón está a tentar fazer. Falar daquela realidade mais profunda, do que Hegel chamaria “o ideal”, para a interação do contacto. Contacto com o quê? Com quem? E aqui volta de novo Cristo. São Pedro diz: «Senhor, a quem iremos? Só tu...». Fui professor a vida toda e usei a linguagem durante meio século. E quanto mais envelheço, mais esta incapacidade da linguagem me aparece como uma realidade. O ser conta. Não tanto a linguagem, não tanto um discurso. Olhas o céu estrelado e percebes que há alguma coisa que não tem fim. Podes aproximar-te, mas quanto mais te aproximas, mais percebes um além. O paradoxo é que aquele sentido de transcendência convive com a percepção de que aquela coisa totalmente outra está já aqui. A nós não nos resta senão abrimo-nos a isto. E neste sentido fascina-me muito Comunhão e Libertação.

Um Deus humilde.

O biblista dominicano Timothy Radcliffe confronta-se com o presente: um “cara a cara” conosco próprios e com os outros, a caridade, a morte de um caro amigo. E a lição mais preciosa: «Sê sempre grato»



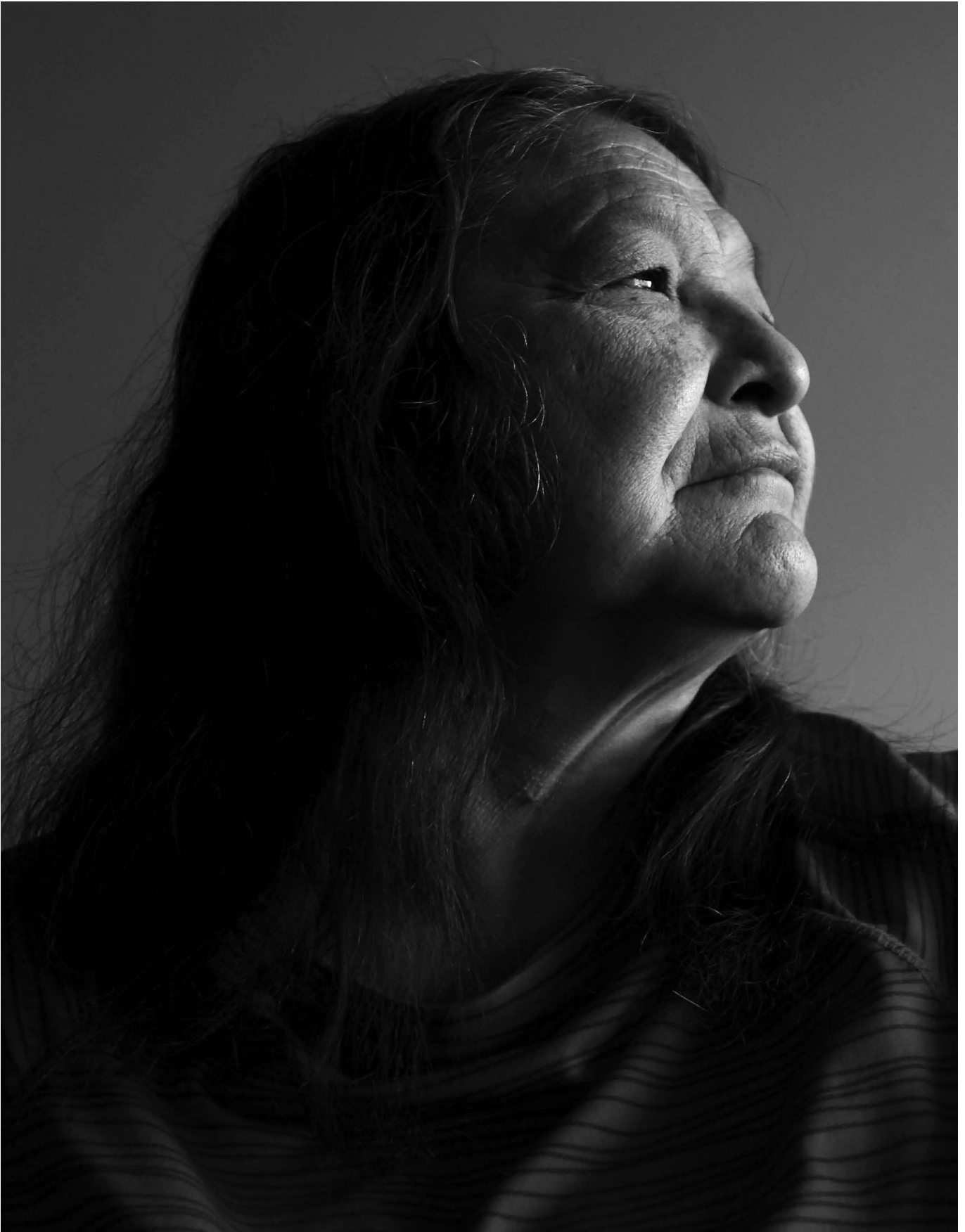
Giuseppe Pezzini

Nasceu em Turim, em 1984, e é Senior Lecturer na Universidade de St. Andrews (Escócia), onde ensina Língua e Literatura latina. Foi Research Fellow no Magdalen College de Oxford e em Princeton.

«**N**estas circunstâncias, rasgam-se as máscaras que usamos». É frade dominicano em Blackfriars Oxford, chama-se Timothy Radcliffe e é um famoso pregador, escritor e teólogo, tendo sido também Mestre-geral da Ordem, Director do Instituto Las Casas de Oxford e Consultor do Pontifício Conselho «Justiça e Paz». Contou-nos a sua experiência neste período de crise, à luz do livro *O despertar do humano*, de Julián Carrón.

«Nos últimos meses, milhares de pessoas partilharam a mesma experiência de “aprisionamento”. Ainda assim, Carrón defende que este aprisionamento pode ser uma ocasião de libertação.

Concordo plenamente. Santa Catarina de Sena viveu três anos de autoisolamento antes de o Senhor a conduzir até à sua missão. Ela descreveu esta experiência como a “cela do reconhecimento de si”, em que foi posta diante da pergunta sobre quem ela era verdadeiramente. Para ela, esta “cela” foi suportável, escreveu, porque não era um espaço narcisista em que olhava para o umbigo, mas uma espécie de ocasião para se redescobrir a si própria como amada por Deus a cada instante. Esta experiência de isolamento pode colocar-nos diante da realidade, diante de quem verdadeiramente somos. E se estamos “trancados” com outras pessoas, podemos também descobrir quem são eles verdadeiramente. Nestas circunstâncias, não se podem manter identidades superficiais: rasgam-se as máscaras que usamos. E então as relações desmoronam-se e tornam-se insuportáveis, ou então, com a graça de Deus, põem-nos face a face com a frágil vulnerabilidade do nosso ser e do dos outros. Então podemos ver a nossa pessoa como Deus a ama, a nossa beleza e dignidade, bem como a dos outros.



Timothy Radcliffe (Londres, 1945), dominicano, ensinou Sagrada Escritura em Oxford, foi eleito Provincial de Inglaterra em 1987 e, depois, Mestre-geral da Ordem em 1992. É Consultor do Pontifício Conselho «Justiça e Paz» e autor, entre outros, de *Alla radice la libertà. I paradossi del cristianesimo* (Emi, 2018).

Julián Carrón fala do valor de «abraçar as circunstâncias», de «dizer “sim” a cada instante»: mas é só uma ilusão para justificar a resignação?

Pelo contrário. Para ser uma força do bem neste mundo, com a graça de Deus, é preciso viver aqui e agora, no presente - que é o presente de Deus para nós - e no lugar onde me encontro. Rowan Williams fala da ilusão de pensar que “noutro sítio, eu poderia ser mais gentil, mais santo, mais equilibrado, mais impermeável às críticas, mais disciplinado, capaz de cantar em coro, e provavelmente até mais magro”. Os Padres do deserto conheciam bem a tentação de acreditar que, se se estivesse noutro sítio, tudo correria melhor. Mas estavam convencidos que se deve viver aqui e agora, e em mais nenhum lugar. O Padre Moisés dizia: «Senta-te na tua cela e a tua cela ensinar-te-á tudo». Se não aceitarmos a nossa condição, seremos como um pássaro que abandona os ovos no ninho e, assim, impede que choquem. Se eu quero mudar e fazer a diferença também para os outros, tenho que começar por aqui.



© Massimiliano Migliorato/CPP

Numa condição deste tipo não há oposição entre “fé” e “ação”? Como é possível sermos “ativos” ou até “caridosos” quando se está bloqueado numa prisão?

Ter fé não significa resignar-se uma inoperosidade passiva. Por vezes, o que se pode fazer parece insignificante, mas também é assim com uma semente semeada em terreno fértil, e no entanto produz “trinta, sessenta, cem vezes por um” (Mc 4,8). São Tomás diz que o nosso Deus é pura ação. Mas, muitas vezes, isto exprime-se em atos pequenos, humildes, como falar com uma mulher no poço de Samaria, e lavar os pés dos discípulos. Até a grande cerimónia da nossa morte e ressurreição em Cristo, o Batismo, é um ato humilde, deitar um bocadinho de água. O nosso Deus é humilde. Por vezes, a nossa fé pede para ser heroica como a dos mártires, mas outras vezes guia-nos por pequenas ações que escapam à atenção dos outros. As últimas palavras do romance

Middlemarch de George Eliot dizem-no bem: «A multiplicação do bem no mundo depende de atos ignorados pela história; e se, tanto para o leitor como para mim, as coisas não são tão más como seria possível que tivessem sido, devemos-lo em boa medida àqueles que viveram fielmente uma vida anónima, e que repousam em sepulturas esquecidas». Também os nossos atos de caridade durante este isolamento podem ser humildes. Como telefonar a alguém que se sente sozinho, ou segurar uma palavra que tinha debaixo da língua quando um dos meus irmãos - ou a tua mulher, ou o teu marido -, nos diz alguma coisa ofensiva.

Sempre no Despertar do Humano, são citadas duas jovens mulheres como exemplo dessa posição: Nossa Senhora e Santa Teresa de Lisieux.

Maria foi chamada a esta humildade, a ser a serva do Senhor. Ela trazia a Palavra de Deus e

«Se os nossos olhos estiverem abertos,
somos inundados de dons, todos os dias»

servia-a na pessoa do Menino Jesus. Mas este menino era Filho d'Aquele que ela louvava no Magnificat, Aquele que «derrubou os poderosos de seus tronos e exaltou os humildes». Maria é uma pessoa humilde que disse o seu fiat, o seu “sim”, mas um “sim” ao Deus que vira o mundo de cima para baixo. E Santa Teresa de Lisieux! Gostei muito da forma como o Carrón fala sobre ela, como padroeira das missões. Na França do século XIX, que era muito anticlerical, Teresa teve a coragem de abrir um diálogo com os ateus, cujo “cálice amargo” queria beber, e partilhar a dor, para partilhar com eles o seu Deus escondido. A sua vocação foi verdadeiramente transformativa. Ser humilde não significa pensar ou dizer mal de si. Significa olhar para si mesmo com lucidez, reconhecer a própria contingência, e que a existência é, em si mesma, um dom de Deus. Só se pode mudar o mundo se olharmos para nós de olhos abertos. Para voltar a Santa Catarina, foi exatamente esta liberdade em relação às próprias ilusões sobre si mesma que a tornou protagonista da Itália do século XIV: ao ponto de chamar um Papa a Roma e não hesitar em ralar com a Cúria romana sem meios termos. Como disse numa famosa citação: «Se tu fosses a pessoa que és chamada a ser, colocarias em fogo toda a Itália». E ela fê-lo!

Giussani diz que «a verdade da fé demonstra-se exactamente a partir da capacidade [...] de valorizar o que parece objeção como caminho de amadurecimento». Isto também vale para a Igreja?

Foi assim desde o início. O Espírito Santo foi derramado sobre os apóstolos no Pentecostes e eles foram enviados aos confins da terra. Mas, na realidade, queriam ficar em Jerusalém e resistir à aventura da fé. Foi a perseguição dos cristãos que acabou por os afastar da zona de conforto e os empurrou até Roma. Foi o trauma da Reforma que revitalizou a Igreja e produziu a Contra-reforma. Ainda não está claro como é que a Igreja vai encontrar nova vida através desta crise atual, mas fá-lo-á seguramente. Eu espero que a Igreja possa sair da “bolha”, para usar a palavra de Carrón, e nos leve ao diálogo com todos os que procuram compreender profundamente a vocação da humanidade de hoje, até as pessoas cuja fé é diferente ou que não têm fé.

Que tipo de companhia pode a Igreja, e uma comunidade

crístã em geral, oferecer nestes tempos difíceis?

Este é um momento de grande ansiedade e medo para muitas pessoas. Temos que testemunhar-lhes a paz de Cristo, uma paz que o mundo não pode dar. Homens e mulheres podem alcançar esta paz só se existir alguém com quem é possível partilhar os seus medos. Muitas vezes, a Igreja limita-se a estar com as pessoas, escutá-las e dar-lhes a mão, deixar que abram o coração. Além disso, em tempos de peste, somos postos não só diante da morte de pessoas concretas, mas também de uma percepção apocalíptica do domínio da morte. Pensem no quarto cavaleiro do livro do Apocalipse: «Um cavalo esverdeado. O cavaleiro chamava-se Morte; e o Abismo seguia atrás dele». Vivemos na «sombra da morte», como diz Zacarias no Benedictus. Deveríamos ser capazes de olhar a morte nos olhos, ver a sua dor e a sua angústia, mas não nos deixar intimidar porque sabemos que o seu domínio é finito. O meu amigo mais querido da Ordem morreu recentemente por causa do Coronavírus. Telefonou-me para se despedir de mim. Pouco antes de morrer, disse a um amigo: «Há anos que faço pregações sobre a Ressurreição. Agora chegou o momento de demonstrar que acredito nela».

12

Como viveu a sua quarentena?

Neste período, eu deveria ter tirado um ano sabático; o meu projeto, além de estudar, era passar algum tempo com a família e os amigos. Mas, como se diz em Inglaterra, se queres fazer Deus rir, fala-lhe dos teus projetos. Depois de um mês de estudo na École Biblique de Jerusalém, voltei para Oxford e, desde então, tenho sido bombardeado com pedidos de artigos, homilias e entrevistas, incluindo a vossa. Mas obrigado por me terem pedido! Estou grato por estas oportunidades de partilhar a minha fé com os outros. O ano sabático pode esperar. Além disso, como disse, perdi o meu melhor amigo da Ordem, que vivia em Oxford. Fomos ordenados no mesmo dia, há 55 anos atrás, e fomos todos os anos de férias juntos. Foi uma perda muito dolorosa. Quando eu a partilhei com outro amigo, um dominicano polaco que trabalha na École Biblique, disse-me uma coisa sábia: «Sê grato». E talvez esta seja a lição mais profunda deste período. Sê sempre grato. Não porque as pessoas que amas morreram, mas sim porque viveram. Se os nossos olhos estiverem abertos, somos inundados de dons, todos os dias. ■

primeiro plano

© Waldemar Brandt/Unsplash



Fora do sono

Uma «terra nova» entre espanto e preocupação. O manager Oscar di Montigny fala de economia, política global, lucro... E da saída da “bolha”. Quando já não é conveniente evitar as perguntas.



Davide Perillo

«É como o Stargate, lembra-se? O filme dos anos noventa onde se entrava noutra dimensão. É isso, estamos ali. Na porta de acesso a um mundo novo». Oscar Montigny fala através de imagens propositadamente. Um tipo de linguagem que não se esperaria de um banqueiro. Pelo contrário, encontramos frequentemente esta linguagem na forma como o Responsável pela Inovação da Banca Mediolanum (50 anos, casado com Sonia Doris, cinco filhos) se dirige a um público multicanal: as plateias globais (de Davos ao último Meeting de Rimini) e a rádio (tem um programa na Radio Itália), a internet e os livros.

O último, publicado em maio, tem o título de Gratitude. Escrito, evidentemente, antes do Coronavirus, voa alto e propõe uma mudança de paradigma enorme, para os empresários e não só. Fala do ambiente e de política global; de um lucro que «veja no homem

um fim, e devolva a economia ao seu papel original de meio»; de uma mudança que «deve partir de nós mesmos» e de «centralidade da educação». E, precisamente, da gratidão como «único modo para viver plenamente», como indicador mais adequado do PIB e volume de negócios para medir o bem-estar - pessoal e coletivo. Em suma, invoca uma mudança de rumo, porque «se continuarmos a permanecer no nosso sono, o futuro não terá piedade». Frase que, ao relê-la agora, parece quase refletir-se na «irrupção da realidade» a partir da qual começa O Despertar do Humano.

«E, de facto, reencontrei-me nas palavras de Carrón», diz ele: «Tinha lido muito do Papa Francisco, senti-me na mesma dimensão. Adicionei um nome à lista “daqueles que dizem certas coisas”. E digo-o no sentido nobre. Tive uma sensação de pertença a um certo ponto de vista, a uma nota: “Ok, estes são aqueles do Dó maior...”».

Partimos do mesmo ponto, então: a dimensão da realidade que temos diante. De que se trata? Porque é que fala de um «novo mundo»?

É um desafio da humanidade, à escala global. E digo “global” em duas aceções. Em primeiro lugar, exterior. Ninguém, nestes meses, pôde dizer “não me diz respeito”. A vibração chegou a todos e comoveu toda a gente: todos estamos comovidos, ou seja, todos estamos movidos pela situação. Alguns por ressonância, outros por desgosto, dor, medo... Mas é um desafio global também em sentido interior. Democratizou a sensibilidade das pessoas: concedeu a todos o contacto com uma dimensão nova, mais profunda. Depois cada um o traduz na sua linguagem: para alguns foi redescobrir a família, para outros o trabalho, ou a fé... Mas penso que fizemos todos a descoberta de uma terra mais íntima. E, com efeito, creio que o desafio maior, agora, é o espiritual.



Oscar di Montigny (Milão, 1969) é Chief Innovation, Sustainability and Value Strategy Officer da Banca Mediolanum

Fundou a Be Your Essence, uma startup com vocação social. É autor de *Il tempo dei nuovi eroi* (Mondadori, 2016) e de *Gratitudine. La rivoluzione necessaria*, publicado pela mesma editora no mês passado.

15

Em que sentido?

Como homens, tendemos a ter medo do novo. Há quem queira escapar imediatamente deste território nunca visto, porque não se sente confiante, e quem o agarra como um lugar a descobrir. Preocupação e espanto: é normal.

Em todos, no entanto, nascem perguntas...

Um dos indicadores de maior aridez da situação anterior era a ferrugem depositada sobre a nossa faculdade de nos fazermos perguntas. Nenhum ser humano pode ser privado de se fazer perguntas. Depois há pessoas que crescem em situações capazes de as solicitarem, e outras que vivem em condições onde as perguntas são inibidas: por causa da aridez do contexto, ou porque é funcional que não te faças muitas... Primeiro compras, e depois perguntas-te sobre o que compraste, primeiro casas-te e tens um filho e depois perguntas-te o que é a família... Desta vez é difícil evitar que venham ao de

cima.

E são perguntas radicais.

Muito. Antes de mais, sobre o significado. É uma das características distintivas do humano. Eu espero que esta situação force pelo menos alguns de nós a fazer-se uma pergunta nova sobre o sentido. Apesar de estar preocupado por causa de toda a narrativa que, pelo contrário, empurra para o dito «regresso à normalidade».

Porquê?

O ser humano, por sua natureza, não é “normal”. O seu percurso evolutivo, interior e exterior, não é predeterminado: é único, para cada um. As perguntas do ser humano sobre o sentido ou sobre a relação com o absoluto não têm nada de homologável. No mundo que nos acompanhou antes da pandemia estávamos a standardizar o que não é standardizável. O Papa Francisco deixa isto muito claro. Pense-se na *Laudato si'*. Cada um de nós é único e ao mesmo tempo está vinculado ao todo. Nós tínhamos perdido estes fatores.

“Agora vê-se o que está no fundo. Quem não tem nada a dizer, fecha. Vale para a política, para a economia e para a sociedade em geral.”

Mas a corrida à “normalidade” é uma arma de defesa, é o recuperar de uma medida que nos era familiar...

É o regresso à zona de conforto, à “bolha”, de que fala Carrón. A verdade é que estamos numa encruzilhada. Diante do risco, muitos pensam: em vez de perdermos tudo, dou-me por satisfeito com o que existia antes... Mas seria um salto atrás, porque nos impediria de atravessar o Stargate de que falávamos. Queria dizer voltar a uma normalidade inquinada, míope, que era em qualquer caso um lugar de sofrimento para tanta gente, mesmo que censurado. Quem se recorda que a três horas daqui temos o delírio da guerra do Yémen? E a pobreza, os migrantes, o ambiente... O verdadeiro tema aqui é recuperar a interdependência. Mas é necessário o esforço de produzir uma nova intensidade nas relações, senão aquela distância torna as coisas áridas.

Porque é que fala de «esforço»? Não é antes uma intensidade que já vem da realidade? Em Gratitudine pergunta-se: «Como

posso voltar a apropriar-me verdadeiramente, quotidianamente, do gosto (necessário) do encontro com o outro?». É uma bela palavra, «gosto»: não somos nós que o criamos, surge do fascínio das coisas, da descoberta da sua dimensão mais verdadeira. É um fator de conhecimento, mais do que ético...

Sim, é um ato de consciência. Com o desconhecido que está do outro lado do passeio, e com quem cruzas o olhar, manténs-te à distância, mas há um contacto. Dás-te conta de que ele existe. Neste sentido deves realizar uma ação de respeito para redescobrir aquele prazer.

Há um outro fator posto à prova: a confiança. É a pedra angular da convivência, não? No entanto, mesmo aqui o choque é forte...

É verdade, a situação incide na arquitetura social: a economia, a política... Agora volta-se aos fundamentos. Se não acreditas em nada, este momento põe-te duramente à prova. Deixemos de lado o medo do depois, mas o que acontece agora? Qual é o filtro que te ajuda a ler o fenómeno?

Se não tiveste a sorte ou o mérito de, com o tempo, ganhar as lentes adequadas para interagir com o mundo, hoje estás completamente sozinho e não tens referências. Os fundamentos de tantos discursos foram revelados. É como no Mont Saint-Michel, já lá estive? A maré retira-se e vê-se o que está lá debaixo. Ponto final. Antes podia contar-me uma série de coisas. A água podia ser mais ou menos transparente, mas por causa da sua opacidade havia sempre uma desculpa: o tempo, a poluição... agora chega. Vê-se o que está no fundo. Quem não tem nada a dizer, fecha. Vale para a política, para a economia e para a sociedade em geral: pensem em como desapareceram os chamados influencers... E em tudo isto, de algum modo as dimensões religiosas são áreas de recuperação importantes. Os meus sogros, por exemplo, assistem todos os dias à missa. Em minha casa começámos a abençoar todas as refeições. Antes eu fazia-o em silêncio, porque não queria impor nada. Agora já não é tabu.

Mas esta religiosidade que volta a ser atual é apenas um conforto ou é, de alguma maneira, uma chave de leitura da realidade? Um uso mais penetrante da razão?

É preciso voltar à pergunta inicial, sobre o significado. E é preciso perceber em que ponto do caminho esta coisa nos apanhou. Julgo que muita gente voltou a ligar-se à sua parte mais profunda. A dimensão espiritual, não apenas a religiosidade, reconquistará muito terreno. Quem ficou árido durante muito tempo poderá perder o comboio. Porque é verdade que uma gota de água leva a vida a uma zona árida, mas para que a terra se torne fértil, aquela gota tem de voltar. Deus faz 99%, mas o teu 1% é-te pedido. Tens de dar um passo. Pelo menos a nível de consciência.

Que palavra sintetiza melhor este momento?

Eu diria “oportunidade”. Ou melhor, “crise” na sua aceção etimológica: momento crítico, da decisão. Não acredito na “nova normalidade”, não estou de acordo com a narrativa do reinício, da reconstrução, do renascimento. Acho que o prefixo “re”, só por si, significaria “novo”, mas na realidade não é garantido que seja assim. Se nós permanecemos os mesmos que éramos antes, nada muda. Se matávamos pelo petróleo e amanhã matamos pelo lítio, é o

mesmo. É o ser humano que tem de fazer a diferença. Por isso digo “crise”. Mas também “compaixão”, no sentido de apaixonar-se, de “sofrer com”, “experimentar paixão por”. É uma outra coisa que poderemos redescobrir.

E é algo de que até podemos estar gratos?

Certo, é um momento no qual se pode descobrir até gratidão. Digo-o com grande respeito por quem sofre, mas esta situação empurra-nos tanto a uma transição coletiva como a um movimento pessoal. Eu sinto-me chamado a melhorar: como homem, marido, pai, manager... E neste sentido estou grato. «Gratidão» pode parecer uma palavra arcaica, fora de moda. Mas é a memória do coração. Seremos esquecidos por aquilo que tivermos dito ou feito, mas não pelo modo como fizemos sentir o outro.

Há algum gesto ou episódio que o tenham impressionado em especial, nestas semanas?

Uma rapariga que entrevistei para Gocce di gratitudine, um programa transmitido na Internet. Chama-se Stefania, é enfermeira num hospital de oncologia. De dia está na

enfermaria, de noite trabalha na tese. Mas todas as noites, com uma colega de casa, faz a ronda pelos velhinhos do prédio para saber se algum precisa de ajuda com as compras. Pode parecer banal. Mas eu, por exemplo, não o fiz... Aquela rapariga ensinou-me, abriu-me uma janela.

No seu mundo, a economia e a finança, o que é que tudo isto trará nos próximos meses?

A situação é grave. Muitas pessoas terão problemas na sua economia doméstica. Haverá gente obrigada a uma paragem de anos. Com custos emocionais pesados: um filho que querias pôr a estudar, as dificuldades... O impacto económico, em suma, é sério. E a indústria deverá decidir de que lado se pôr. O desejo de acumulação e especulação poderá ter terreno fértil: por medo, por arrogância... Mas uma outra maneira de fazer economia poderia também fazer caminho. Porque é que um banqueiro não pode pensar de outro modo, redistribuir? O Papa Francisco disse que a política é uma das formas mais elevadas de caridade. Isto vale também para a finança: ganha, faz negócios, mas não podes fazê-lo sem ter em conta o todo.



«Um jogo de crianças»

O que é que o sustentou em 28 anos de trabalhos forçados sob o regime albanês? Fala o Cardeal Ernest Simoni, que viveu a liberdade na prisão. E nestes «tempos duríssimos» vê o momento de «recordar aquilo de que nos tínhamos esquecido: a vida nunca nos será tirada».



Alessandra Stoppa

Quando conta, com modéstia, a sua história, fala de «peripécias». E no entanto, refere-se à captura, na Vigília de Natal de 1963, com tudo aquilo que se seguiu: as torturas e os vinte e oito anos de prisão e trabalhos forçados, dos quais doze foram passados na mina e depois nos esgotos. O cardeal Ernest Simoni hoje é o único sacerdote que sobreviveu ao regime albanês de Enver Hoxha. «Como me perseguiram a mim, vos perseguirão também a vós», diz de imediato, quase para explicar que não há que nos impressionarmos com o que lhe aconteceu. Ainda menos compreende que alguém se impressione com ele, com como ele o viveu. «Eu sou completamente indigno».

O mesmo sentimento que o dominava na Catedral de Tirana, no dia 21 de setembro de 2014, vendo o Papa comover-se até às lágrimas. Francisco tinha ouvido o relato enxuto deste velho padre albanês, que então tinha oitenta e seis anos e ainda servia dezenas de paróquias nas montanhas sobre Escodra. Assim que terminou, foi dar-lhe um abraço, deram as mãos, em silêncio, as fronteiras apoiadas, com os olhos fechados. Um «mártir», define-o. Um mártir vivo. Dois anos depois, no Consistório de 16 de novembro de 2016, o Papa criou-o cardeal. Pensando naquele dia em São Pedro, Simoni tem ainda «tanta vergonha»: «Beijou-me as mãos. Ele a mim. Eu baixava-as, e ele baixava-se, mais baixo.... Depois abraçou-me».

Hoje vive na sua cidade de adoção, Florença. Até ao *lockdown* de fevereiro nunca parou, pastor incansável, entre as visitas aos católicos albaneses na América e o serviço à Igreja, como confessor, exorcista e levando o seu testemunho. Aquele que diante da prova de hoje e das preocupações sobre o amanhã, ajuda a ver onde nasce a liberdade de um homem, mesmo quando é “forçado” ao nada por uma das ditaduras mais ferozes da história. Por isto fomos ter com ele, enquanto passa os dias «na domiciliária», diz rindo-se e sempre grato pela saúde de ferro, que «é uma graça de Nossa Senhora. Para Ela sou um jovem de noventa e dois anos!». As respostas a cada pergunta saem-lhe como uma oração: «Deus é amor





infinito. Bate à porta do coração da alma de todos os homens. Está em cada casa...». Neste tempo sem Missas de povo e sacramentos, para ele é ainda mais claro: «Jesus disse-nos: “Onde dois rezam, Eu sou o terceiro”. Está em cada família, em cada instante, em cada lugar onde O procuramos».

A emergência em que o mundo caiu fá-lo repetir as palavras do profeta Daniel sobre o «sacrifício contínuo», mas «Jesus está vivo. Não é mitologia. Quantos poderosos são pó, Ele está vivo e agarra os corações». Pensa em quem hoje sofre mais, em quem perdeu os seus entes queridos e recorda: «o que disse a Lázaro que estava morto. Três palavras: “Lázaro, sai daí”. Da morte à vida». Nestes «tempos duríssimos» vê o momento da conversão, de recordar «aquilo de que nos esquecemos: fomos criados para a felicidade, a felicidade eterna, todos os homens...Não existe a morte, foi aniquilada. Nunca nos será tirada a vida. É mudada».

É a esperança certa em que ele respirou toda a vida. Cresceu na aldeia de Troshani, numa família profundamente religiosa, e depois, «depois foi a graça de Deus: a vocação. Conhecer a felicidade.». Enquanto se enfurecia a propaganda ateísta, a tentativa de eliminar a fé, entre perseguições e fuzilamentos de

centenas de sacerdotes e laicos, Ernest era um jovem seminarista franciscano. Tinha vinte anos, o convento foi fechado, transformado num lugar de tortura, os padres foram mortos, os noviços expulsos e ele foi enviado como professor para uma aldeia perdida nas montanhas. Em 1955 é chamado para o serviço militar: dois anos que para ele foram «mais terríveis do que o cárcere». Depois conclui clandestinamente os estudos em Teologia e é ordenado sacerdote em 1956.

Sete anos depois, chega o dia 24 de dezembro: tinha acabado de celebrar a missa na aldeia de Barbullush, perto de Escodra, e quatro homens da polícia política levam-no. Simoni não gosta de contar os abusos que viveu daquele momento em diante, nos mais de 11 mil dias de prisão. Mas ilumina-se passando em revista «todas as vezes que Ele me salvou». Devia ser logo enforcado, com três acusações: tinha enganado o povo com a fé, tinha feito exorcismos e tinha celebrado as três missas pelo Presidente Kennedy que Paulo VI tinha pedido a todos os sacerdotes do mundo. Passa meses na cela de isolamento, para onde é mandado como espia um seu amigo, que o provoca, falando mal do regime, para o fazer ceder: «Tinha comido tantas vezes em minha casa...», recorda Simoni, «mas tinha medo. De qualquer

modo, respondi-lhe que Cristo ensinou-nos a amar os inimigos e que nós devemos empenharmo-nos para o bem do povo». Ao que parece, as suas palavras intercetadas chegaram ao ditador, que comutou a condenação à morte em trabalhos forçados. Mas a graça ele já a tinha tocado quando lhe disseram que o teriam enforcado, porque não tinha tido medo «Não me parecia nada... Disse: “Deus é maior do que vós. E Jesus derramou o seu sangue por todos. Por todos” Apetecia-me sorrir. É Deus que ilumina».

Dez anos depois, no dia 22 de maio de 1973, no campo rebentou uma insurreição e foi injustamente acusado de a ter fomentado. Uma nova condenação à morte, que, no entanto, depois é levantada. «E uma outra vez», lembra ainda, «todos nós, prisioneiros, bebemos água oxidada, infetada, e ninguém morreu! A Virgem Santíssima protegeu-nos! Sempre o fez...». Podiam morrer a cada dia, trabalhavam na mina de Spac, quinhentos metros debaixo da terra, entre fumos e vapores, a quarenta graus. Quando voltavam a sair, havia menos vinte. Está em silêncio, depois disse: «“Estou eu contigo”, disse a São Paulo».

A sua vida ensinou-o «aquela coisa poderosíssima», diz: «Sine me nihil potestis facere». Cita de seguida, com a mesma indestrutível memória com que dizia a Missa em latim na prisão, consagrando entre as mãos as migalhas de pão e o sumo dos bagos de uvas triturados «Trazia-mas a mulher de um professor muçulmano que era prisioneiro comigo». Eram

três mil no campo, de cada religião, mas sobretudo católicos, prisioneiros do primeiro Estado do mundo a proclamar-se ateu na Constituição. Ele, silencioso, rezava em voz baixa. «Observavam-me, diziam: “É bom, mas enlouqueceu...”. Eu rezava com todo o coração. Era o meu sustento». Escondido, confessava, batizava e dava a Comunhão. Nunca deixou de ser um pároco, mesmo quando, declarado “inimigo do povo”, o mandaram para os esgotos de Escodra, «os canais das águas negras», onde passou os últimos dez anos, até à libertação e à primeira Missa celebrada de novo na igreja, no dia 4 de novembro de 1990. Como contou diante do Papa: «Com a vinda da liberdade religiosa, o Senhor ajudou-me a servir em tantas aldeias e a reconciliar muitas pessoas em vingança».

Simoni surpreende-se de cada vez que se lhe pergunta como pôde perdoar. «Mas Jesus fez tudo. Eu tive só uma pequena boa vontade, de O acolher. Devo agradecer de joelhos, porque esteve sempre comigo, deu-me força». E depois acrescenta, como se fosse a coisa mais natural: «Disse-nos para amar os nossos inimigos e para rezar por eles». É o que não deixou de fazer desde que foi libertado, confiar à misericórdia os seus perseguidores: «No Paraíso faz-se mais uma festa por um pecador arrependido do que por todos os

santos! Jesus vai à procura da ovelha perdida e mete-a sobre os ombros... É todo o seu desejo», diz: «Eu perdoei de todo o coração, como espero que um dia o Senhor me perdoe os meus pecados».

Hoje a sua esperança está inscrita em albanês no brasão cardinalício: «O meu coração triunfará». Escolheu as palavras de Nossa Senhora de Fátima, sob o desenho das correntes quebradas pela Cruz. Tem a certeza de que «Jesus não nos esquece, ajuda-nos», mas também nós «devemos escolher». O que é que devemos escolher? Volta ao Evangelho: «Todos o sabemos. Marta preocupa-se com tantas coisas, queixa-se de Maria. E Jesus diz-lhe: “Marta, a tua irmã escolheu a melhor parte, a parte mais bela, a mais poderosa e doce, aquela que nunca se perde, que nunca se afasta dela”. Devemos voltar a aproximar-nos d’Ele». Depois pede desculpa: «Lamento, não posso falar com carícias...É amar, seguir os mandamentos, a oração diante do Santíssimo, o Rosário, acolher o próximo, os pobres, porque aquilo que lhes fazemos a eles fazemos-lhe a Ele...É fazer tudo com Ele». Depois precisa: «Tornarmo-nos crianças. “Se não vos tornardes como eles...”». Olha para Santa Teresinha de Lisieux, que «nos ensina com coisas simples como chegava até Deus. Porque chegar até Deus é um jogo de crianças. É como abandonar-se nos braços do pai e da mãe».

A descoberto

O ano letivo termina após meses de aulas à distância. Uma forma de ensinar, de relacionar-se e de aprender para a qual ninguém estava preparado. Alguns professores dizem porque é que foi uma aventura que os surpreendeu



Paola Bergamini

Três meses de ensino à distância. Três meses durante os quais os professores “olharam” para os seus alunos nos monitores do computador. Entraram nas suas casas. E depois, terminado o vídeo, prepararam as “novas” lições, os “novos” testes. Um modo de ensino totalmente novo para o qual ninguém estava preparado, dum ponto de vista técnico e didático. A alternativa era entre “gerir” a situação mantendo tudo sob controlo ou então... encará-la como uma aventura humanamente interessante. E, como qualquer aventura, cheia de descobertas muitas vezes inesperadas. Claro que para isto acontecer era preciso ir a jogo até ao fim, e pôr-se a descoberto na relação com os miúdos. “Mas o que ganhei em humanidade com isto é inimaginável. Daqui já não se volta atrás”, disse um professor. E assim, tentámos contar este mais, esta aventura que reavivou o humano em muitos. Mesmo longe das salas de aula.

22

●

OS NOTICIÁRIOS MOSTRAM IMAGENS DE MÉDICOS e enfermeiros exaustos pelo trabalho. Francesco, professor de História e Filosofia no secundário, sempre pensou que a sua profissão é a mais bela do mundo, mas vendo aqueles rostos, ouvindo as suas histórias dramáticas, vem-lhe uma dúvida: será suficiente o que eu faço? Como posso, agora, ser útil ao mundo? Ao desligar a televisão, o iPad reporta um novo e-mail. É da Beatrice (nome fictício), uma aluna do décimo ano. São uma série de reflexões sobre a última aula e sobre *Os Cisnes Selvagens*, o livro que ele lhe deu para ler. Francisco escreve-lhe: “Ouve, que dizes a falarmos sobre isso durante a próxima aula online?” Alguns minutos e a resposta: “Ok”.



Não estava à espera, a Beatrice é uma rapariga esperta, mas nunca interveio nas aulas. Prodígios do ensino à distância? Dá-lhe vontade de rir... Ele, que no início era totalmente contrário, reconsiderando em parte só quando uma amiga e colega lhe tinha falado da beleza que estava a experimentar com os seus alunos. Dois dias depois, a aula está online. Beatrice pergunta: “Como é possível que a protagonista do livro perceba por si mesma, indo contra todos, que na China, sob o regime comunista, algo está errado?” Abre-se o debate. Todos têm algo a dizer. Uma rapariga intervém: “Não é uma questão de raciocínio, é o coração que lhe permitiu ver o que os outros não notaram.” Francisco limita-se a manter o fio do diálogo mantendo vivas as perguntas. A hora termina. Terminado o vídeo, pensa que uma aula tão boa nunca lhe tinha acontecido nem mesmo “ao vivo”. Algo se tinha acendido nos jovens. Algo a não perder, por eles e por si próprio. “Reencontram-se” online para ouvir canções famosas que falam de liberdade, de solidão. Novas perguntas. Uma rapariga liga-lhe e pergunta: “Uma vez disse, em relação à escolha da universidade, que a questão é ser feliz, mas então eu...”. E outro: “Prof, o senhor e eu temos de falar do Covid.” A resposta à dúvida daquele dia diante da televisão está ali, nas perguntas deles, em fazer-lhes simplesmente companhia para que aqueles fogos de verdade não se extingam.

● ●

“**QUERIA PEDIR-TE PARA DARES UMA OLHADELA** à Virgi. Não anda nada bem. Tenta falar com ela.” Sílvia olha perplexa para a colega de design que a abordou na sala de professores da escola de artes onde leciona História da Arte. Parece-lhe impossível: uma rapariga reservada, que tem média de dezoito em todas as disciplinas. No dia seguinte interroga-a: ela realmente já não é a mesma. Interpela-a e pergunta-lhe o que se passa. A colega tinha razão: a Virgínia é uma “doente” do estudo, não consegue parar de estudar, quer saber cada vez mais, é escrava do seu estudo, mas isso está a fazê-la afundar-se na depressão. Sílvia não consegue deixar de pensar nisso e a relação continua. Em fevereiro, Virgínia escreve-lhe: “Sinto-me uma pessoa banal, a banalidade mete medo.” Na semana seguinte há o encontro para os finalistas dos Liceus (GS). Sílvia convida-a e a Virgínia não pensa duas vezes: “Lá estarei.” Chegam esbaforidas atrasadas. É a primeira vez que a Virgínia vê os miúdos dos Liceus (GS). E é também a última. Dez dias depois foi declarado o confinamento. Mas algo se desencadeou e a rapariga põe os livros de lado e reúne-se online com os jovens da comunidade, há qualquer coisa mais para conhecer. Durante a meditação em vídeo do Sábado Santo para os miúdos dos Liceus (GS), o Padre Pigi Banna, falando de presenças verdadeiramente amigas, diz: “Aqui está a grande descoberta: quando encontramos estas pessoas não só os nossos olhos se abrem à realidade, mas vem o desejo de viver como homens, sem máscaras, pelo olhar de amor que trazem ao nosso eu”. Logo a seguir ligam-se pelo Zoom para dizerem olá e desejar boa Páscoa, e a Virgínia explode: “Vim às reuniões sem conhecer ninguém e

estas pessoas arrancaram-me do nada. É incrível: estou viva. Parece-me impossível que isto possa acontecer numa situação de isolamento. Conheci pessoas que me fizeram conhecer a minha consciência, uma nova versão de mim. E nunca nos vimos “ao vivo”! Às oito horas, a Sílvia liga o computador. Como todas as manhãs, vem-lhe à cabeça o rosto da Virgínia naquele dia. Olha para o monitor ainda escuro, sabe que por trás daqueles ecrãs há corações que clamam por uma necessidade que se pode intercetar também assim. E é assim que muitos dos seus alunos, convidados, se ligam ao raggio e aos encontros de finalistas. Um novo início: com esta consciência, explicar Giotto ou Matisse é outra coisa.

● ● ●

EM FEVEREIRO, MAL A ESCOLA ENCERRA, o Alfonso, professor de Matemática e Física, decide imediatamente ocupar-se em não perder o contacto com os alunos. À sua custa, compra um domínio de internet e cria uma plataforma Moodle. Na homepage publica uma carta aberta aos miúdos: “Este tempo é útil porque talvez nos obrigue a perguntar-nos sinceramente: o que é que realmente me importa? Todos nos enchem de instruções para viver, manuais de utilização para sermos cautelosos, para nos mantermos seguros, para não nos expormos ao perigo da morte iminente. Mas quem ficou para nos dizer porque é que vale a pena viver? Para que propósito dar a vida?” São as suas perguntas, as suas inquietações, que quer partilhar com os alunos.

«É incrível: estou a viver. Parece-me impossível que isto possa acontecer numa situação de isolamento. Encontrei pessoas que me fizeram conhecer a minha consciência, uma nova versão de mim. E nunca nos vimos “ao vivo”!»



Na primeira ligação lê-a em todas as aulas. As reações são diversas, mas o espanto e a gratidão são os sentimentos de todos. Um rapaz diz-lhe explicitamente: “Prof, obrigado. Vê-se que gosta de nós.” É um primeiro passo. Em cada aula, Alfonso

começa por perguntar: “Como estão? E as vossas famílias?”, depois começam as explicações. Ainda mais precisas, mais documentadas, porque para ele a partida joga-se com números e fórmulas, deseja transmitir a sua paixão.

Certa manhã o rosto de um aluno parece-lhe particularmente triste. “Há algo de errado?” O rapaz escreve-lhe: “O microfone não está a funcionar, não consigo falar.” E não é verdade. No final da aula, telefona-lhe por WhatsApp: “Os meus avós têm

Coronavirus e os meus pais não querem que eu o diga. Mas pensando na sua carta decidi que podia confiar em si. “Alfonso diz-lhe: “Vou rezar por ti e pelos teus avós, que o Senhor vos ajude.” Nunca tinha tido necessidade de explicitar a sua fé, mas naquele momento são as únicas palavras a dizer para lhe fazer companhia.

Mais telefonemas offline se sucedem. Às vezes dramáticos. Uma rapariga confia-lhe que o companheiro da mãe veio viver com eles uns dias antes da quarentena. “Também trouxe os filhos dele. Somos oito em poucos metros quadrados. Todos temos de nos ligar pela internet e a rede não aguenta. Mas isso era o menos... “. Na Páscoa envia as suas felicitações a todos. Um aluno escreveu-lhe: “Prof, queria agradecer-lhe por ser como é e pelas ajudas que me deu mesmo atrás de um ecrã. Pessoalmente fizeram-me crescer e ver o mundo como um lugar diferente. Uma vez disse-lhe que não é óbvio acordar de manhã e que devíamos estar gratos pelo que nos é oferecido... Obrigado. Esta conversa não tem nada a ver com a escola, mas queria agradecer-lhe desde há tempo. Consegui hoje.”



OITO E TRINTA. ENQUANTO BEBE O CAFÉ, a Sara revê a folha com os apontamentos sobre Março, o poema de Giorgio Caproni que leu durante a última aula aos alunos do oitavo ano do Instituto Profissional de Mecânica onde dá aulas de italiano e história há um ano. É a turma que mais lhe custa, mesmo antes do ensino à distância. “Se calhar ter proposto este percurso poético precisamente a estes foi uma má aposta, estou enganada”, pensa para consigo. No ecrã do computador, entretanto, aparecem as caras dos alunos: todos ligados antes da hora. Faz a chamada e a lição começa. Pergunta: «Nós tínhamos deixado a pergunta: “Que imagem te ficou na mente depois de leres o poema de Caproni?” Alguém quer responder?» «Esperança», intervém um rapaz. Sara não estava à espera: “Porquê?”. “A chuva inesperada de que ele fala obriga toda a gente a fugir. Refugiam-se em casa como nós agora. A chuva pode durar um dia, uma semana, ou um ano, ninguém sabe. Mas temos a certeza de que, depois disso, vamos reabrir a janela sobre um relvado branco de sol.» «Prof, mas então este poema é sobre o Coronavirus?», pergunta

«Prof, queria agradecer-lhe por ser como é e pelas ajudas que me deu mesmo atrás de um ecrã. Pessoalmente fizeram-me crescer e ver o mundo como um lugar diferente... Há algum tempo que lhe queria agradecer. Consegui hoje.»

outro rapaz.

«Ou seja?», pergunta Sara. «A chuva não é apenas uma coisa negativa, como este vírus não é apenas algo de que temos de fugir e trancar-nos em casa com medo. É um tempo dramático, mas está a preparar algo muito bom como a nova vida que em março renasce.»

Quando desliga o computador, a Sara rasga a folha dos apontamentos. Hoje aprendeu com os seus alunos, os mais improváveis. É uma das descobertas deste período, que imaginava árduo e complicado. À noite, contando a um amigo o que aconteceu, escreve: «Imagina que eu tinha o problema de “encaixar” a quarentena no percurso de poesia! Fui ultrapassada. Dou aulas de História, Gramática e Literatura e tenho de o fazer bem dedicando-me inteiramente, mas ao mesmo tempo quero guardar para os meus alunos estas sementes de novidade, porque as quero para mim. Tento fazer a minha parte propondo-lhes uma esperança e um significado que, eventualmente, ao ser intuído, quem sabe até onde os levará. Olhando para eles quero tudo para eles, especialmente que descubram como a realidade é bela e espantosa. Foi o que aprendi quando conheci o movimento na universidade.» ■

per

cur

28

*Austen Ivereigh
Regresso ao povo*

SOS

Austen Ivereigh

Regresso ao povo

O papel de Francisco hoje, o caminho da Igreja, a conversão pessoal... Com o olhar sobre um mundo varrido pela crise. Conversa (virtual) entre a América Latina e o jornalista britânico, um dos principais conhecedores de Bergoglio.

28



Veronica Pando

Jornalista argentina, trabalha na *Consudec*, revista digital do Conselho superior da Educação Católica, órgão da Conferência Episcopal.

«**É** tão improvável que um inglês seja escolhido, neste momento, para comunicar com um Papa argentino...». Para o jornalista e escritor britânico, Austen Ivereigh, a possibilidade de entrevistar Francisco neste momento de viragem «foi um grande dom». Não estava à espera daquela «pedra preciosa», ou seja, as respostas-áudio do Pontífice às suas perguntas, que o apanharam de surpresa a plantar um jasmim, durante a sua quarentena em Hereford, no campo, perto da fronteira galesa. Ivereigh é o autor da biografia profunda de Bergoglio, Francisco, *O Grande Reformador*, (editora Vogais) [no original: *The Great Reformer: Francis and the Making of a Radical Pope*] e da recente entrevista com o Pontífice sobre a pandemia (publicada por *The*



Tablet, *Commonweal*, *ABC* e *La Civiltà Cattolica*). «Deveriam ser os senhores a fazer este Webinar, conhecem o Papa melhor do que eu», disse ele aos dez Bispos argentinos que no dia 22 de Abril participaram no encontro com o título “O papel de guia de Francisco no tempo do Coronavírus”: um diálogo à distância, entre ele e quinhentas pessoas espalhadas pela América Latina, que nasceu da amizade com os curadores da



exposição Gestos e palavras do Meeting de Rimini de 2018. Reproduzimos aqui grandes extratos daquela conversa.

**Como vê a condução de Francisco neste momento?
E para onde nos está a levar o Espírito Santo?**

Estou a pensar na oração na praça de São Pedro, na noite de 27 de Março. O Papa falou da conversão, da necessidade de confiar em Deus, que é o Senhor da história. A «tempestade» é a metáfora que usou: é um momento de apocalipse, no sentido em que revela coisas que temos de aprender. Acho que na sua leitura da crise se pode encontrar uma analogia

com os seus escritos dos anos 80, sobre a tribulação, a ruína institucional. Em cada sofrimento, crise, perda de controlo, há um convite à conversão: uma graça que Deus nos oferece e à qual é importante abrirmo-nos para não perdermos a oportunidade dada. A condução de Francisco em tempos de Coronavírus é operacional: é como um diretor espiritual que nos indica onde está a graça da conversão. Mas os obstáculos e as tentações podem fechar-nos a esta possibilidade. «Não percamos a oportunidade que a crise nos oferece», disse-me insistentemente na entrevista. E como é difícil falar assim, porque as notícias são aflitivas,

Austen Ivereigh é escritor e jornalista, vive no Reino Unido entre Reading e Oxford, onde fez um mestrado sobre o tema da Igreja e da política na Argentina. É co-fundador de *Catholic Voices* e autor da biografia de Bergoglio traduzida em 9 línguas: em português, *Francisco, O Grande Reformador*, (editora Vogais). O último livro é *Wounded Shepherd: Pope Francis and His Struggle to Convert the Catholic Church* (McMillan Audio, 2019).



30

tantos são os mortos a chorar, e as pessoas que se sacrificam. E há também tanta incerteza quanto ao trabalho, a pobreza que está a crescer. Falar de «oportunidade» pode realmente parecer uma falta de sensibilidade. Mas a leadership do Papa concentra-se no sofrimento e em como responder-lhe: isto é o que nos muda. Mostramos o novo horizonte, a nova sociedade que pode emergir. Eu acho, sobretudo, que não devemos transformar a experiência num discurso: há indicações que ele está a dar à Igreja, neste momento, em como “estarmos próximos”, não cedermos à tentação de nos fecharmos em nós próprios, apesar da atenção necessária ao contágio.

À luz do seu primeiro livro *Francisco, O Grande Reformador*, comovê o percurso do Pontificado? E o que quis transmitir à Igreja e ao mundo com o novo livro: *Wounded Shepherd*?

Ainda não foi traduzido para espanhol, mas seria Pastor Herido

(Pastor Ferido). O subtítulo – *Pope Francis and His Struggle to Convert the Catholic Church* – é importante, provocador, porque se refere à luta do Papa para converter a Igreja. É dedicado a tudo o que aprendi sobre o tema central do seu Pontificado, que não é a reforma institucional, mas a conversão. Começo o livro com um pequeno mea culpa. Quando, poucos meses depois da sua eleição, escrevi *Francisco, O Grande Reformador*, estava, como muita gente, profundamente impressionado com Bergoglio. Estudei a sua vida e apercebi-me de que, em momentos chave da história, foi um grande líder. Então acreditei um pouco no mito do “super-herói”, que chega à crise e resolve as coisas graças aos seus dotes pessoais, ao seu génio. Não há dúvida de que Francisco tem as qualidades de um líder, mas exagerei o seu protagonismo. Quando me encontrei com ele, em 2018, estava a começar a escrever o segundo livro, ele gentilmente pôs-me de sobreaviso para esta tentação: não idealizar o seu protagonismo, porque o protagonista da conversão e da mudança não é ele, mas o Espírito Santo. Percebi, como seu discípulo, que o seu papel é criar o espaço para a conversão, e as condições, a fim de que o Espírito Santo possa agir. O novo livro está construído sobre esta ideia: que as pessoas possam aprender o que eu aprendi com ele. A sua maneira de ser líder não é fácil de perceber, partindo de um ponto de vista “político”. O objetivo fundamental do seu Pontificado é tornar a pôr Jesus no centro. Tornar o Espírito Santo protagonista e ajudar-nos a perceber que o verdadeiro fator dinâmico da mudança é espiritual: cada experiência de vida, ou a experiência histórica que uma sociedade vive, é uma oportunidade para rever as prioridades. No livro abordo a reforma da mentalidade vaticana, da passagem do “domínio” ao “serviço”. No fundo, Francisco procura uma conversão hermenêutica: não pretende que as pessoas pensem como ele,

“Quando me encontrei com ele pôs-me de sobreaviso para esta tentação: não idealizar o seu protagonismo...”

mas que possam ver mais a humanidade, através dos olhos do Bom Pastor. Isto é o Evangelho, que não usa o poder para mudar, mas muda a nossa abordagem, e assim muda tudo. Este é o grande tema do Pontificado.

Durante a emergência, o Papa referiu o facto de um Bispo o ter corrigido sobre a “virilização” da Igreja. E disse que uma «familiaridade com Cristo sem comunidade», sem Igreja e sacramentos, é muito perigosa, pode-se tornar uma «familiaridade gnóstica», separada do santo povo dos fiéis. O que significa isto?

A Igreja em que hoje vivemos, a que eu chamo a “Igreja da casa”, é uma oportunidade para experimentar a Igreja como povo de Deus, parecida com a primitiva, que não tinha o apoio da lei e das grandes instituições. Sabemos pelos Atos dos Apóstolos que a fé se vivia em casa, em comunidades, como vocês de Comunhão e Libertação. Mas, ao mesmo tempo, a Igreja nunca pode deixar de estar radicada na presença sacramental e na presença do povo crente, da gente comum. Qualquer tentação de criar uma Igreja burguesa, mais intelectual ou feita de pessoas de boas maneiras... são todas tentativas para criar uma Igreja pura ou pelagiana. Não é a Igreja de Cristo. Como arrisquei desajeitadamente na

entrevista, talvez não seja este o momento para viver a Igreja como instituição. E o Papa disse-me: «Mas não há nenhuma contradição. A Igreja é uma instituição, mas o protagonista da Igreja é o Espírito Santo, que a institucionaliza e a desinstitucionaliza ao mesmo tempo». Por outras palavras, o hoje requer uma criatividade pastoral. Já estamos a receber como que um grande dom dos nossos pastores, a Missa diária, as liturgias virtuais, e esperamos aprender a usar estes meios para viver mais a comunhão. Mas, ao mesmo tempo, esta não é uma alternativa à Igreja real: é só a resposta a uma crise. Depois voltaremos a recuperar a corporeidade e a sacramentalidade da presença do povo de Deus em torno da Eucaristia, com o seu pastor. Assim é a Igreja, e sempre o será.

Uma questão central, desde o início do Pontificado, é a ecologia integral, juntamente com a “cultura do deitafora”. O Papa enfrentou estes temas em plena pandemia e aprofundou-os no coração das nossas feridas. Que novidade representam?

Francisco fala de mudanças climáticas extremas como

consequência da degradação ambiental, porque consumimos e gastámos demasiado. Por isso, sublinha que é o momento para recuperar a nossa ligação ao ambiente, para nos darmos conta de que somos con-criados com a criação. Se estivermos conscientes deste dom, aprenderemos a respeitarmo-nos. Está na altura de ver coisas que antes não víamos. Ao ouvir as suas respostas-áudio, a certo ponto hesitei: a sua voz fez-se muito calma e, em vez de ler, porque tinha feito apontamentos, tive a impressão de que o seu falar era guiado pelo Espírito. Fiquei impressionado. Disse: «Quero deter-me aqui. Este é o momento de ver o pobre. Porque nós não o vimos, comportámo-nos como se fossemos os senhores de toda a criação». No que respeita à ecologia integral e à conversão das nossas economias, para que sejam mais humanas, queria sugerir ler o que o Papa escreveu aos movimentos populares no período pascal (movimientospopulares.org). A pandemia está a ensinar-nos que a nossa vida depende daqueles que servem, pensemos nos profissionais de saúde, então é tempo de reorganizar as nossas sociedades e as nossas economias a partir desta consciência nova: é um momento de conversão não só pessoal, mas também social e económica. Os governos ocidentais bloquearam a economia para salvar vidas, mas é



Uma imagem da exposição "Gestos e Palavras" no Meeting de Rimini 2018

claro que as consequências serão difíceis. Não poderemos voltar ao modelo anterior. Naquela carta aos movimentos populares, o Papa propõe um novo salário universal, porque agora é preciso pensar em coisas que antes eram inconcebíveis. Depositámos tanta confiança no mercado e no Estado. Agora é altura de nos abirmos a outras formas de organização socioeconómica, mais humanas.

Que caminho propõe Francisco, para a América Latina, onde 50% dos católicos do mundo vivem e estão a decrescer? Como vê o crescimento dos evangélicos?

O diagnóstico de Francisco é o que formulou em Aparecida em 2007. No meu livro, descrevi-o como o discernimento mais profundo que a Igreja já fez. A base do seu pontificado, a Encíclica Evangelii Gaudium, é a extensão a todo o mundo do discernimento de Aparecida, que pressupõe a globalização e o progresso tecnológico, não como algo de que nos arrepender, ou meramente a condenar, mas como um facto de realidade que produziu profundas mudanças, sobretudo na nossa relação com as instituições. As tendências tecnocráticas estão a minar as relações familiares e a dissolver os vínculos de confiança e fraternidade. Neste contexto, é impossível para a Igreja continuar a confiar-se às instituições como modalidades para transmitir a fé de geração em geração. Talvez seja tempo de recuperar o modelo da Igreja primitiva, que não dependia da lei ou do apoio das instituições, mas tinha uma experiência a comunicar: o encontro com o amor misericordioso de Deus. É uma experiência, não uma ideia. Como

disseram Bento XVI e don Luigi Giussani: é a experiência do encontro com uma pessoa que muda o teu horizonte. Quando comunicarmos isto como cristãos, a Igreja crescerá de novo. Mas é preciso dar-mos conta de que a Igreja pode “perder” muitos fiéis ao longo do caminho: fiéis por motivos culturais ou institucionais, mais do que por convicção. A secularização é uma experiência de “perda”. Todavia, para Francisco, é importante ver o que está a crescer. E o Coronavírus acelera esta tendência, por exemplo, na impossibilidade de ir à Missa: nesta crise, o convite é viver uma vida interior mais profunda, no encontro com Cristo através da oração. Penso que, sobretudo na América Latina, veremos a famosa metáfora da Igreja como “hospital de campo”, no meio da pobreza e do desemprego. Muitos irão perguntar-se, como na crise da Argentina em 2001: onde está a Igreja? Afastou-se de nós? No outro dia estava a pensar que Bergoglio não viveu a experiência de uma pandemia, mas enfrentou o colapso económico da Argentina, uma crise fora do comum. Foi um piloto na tempestade, mobilizou a Igreja, e os argentinos não se esqueceram de como os acompanhou. Em São Pedro, disse: «Este é um tempo de escolha». Tanto para a Igreja como para a humanidade, as escolhas apresentam-se de uma forma bastante dramática. Se se abrirem ao Espírito Santo, sairão desta crise muito mais fortes.

“Talvez seja tempo de recuperar o modelo da Igreja primitiva, que não dependia da lei ou do apoio das instituições, mas tinha uma experiência a comunicar: o encontro com a misericórdia de Deus”

A *Gaudete et exsultate* levanta dois perigos graves e subreptícios do cristianismo contemporâneo: o pelagianismo e o gnosticismo. Como vê o Papa o papel dos movimentos eclesiais que nasceram depois do Concílio Vaticano II, face ao desafio cultural e histórico de hoje? Tanto São João Paulo II como Bento XVI reconheceram a sua grande tarefa.

Francisco aprecia muito os movimentos. Como citei no primeiro livro, pensa que há a tentação da auto-referencialidade, que há um certo pelagianismo e, sobretudo, gnosticismo, na tendência burguesa e intelectual de achar que, para ser um bom católico, é preciso “ser dos nossos”. Um movimento católico deve voltar ao povo, mas no sentido evangélico. Inspirado pelo Espírito Santo, tem um dom ou um carisma especial que deve pôr ao serviço da Igreja. Vimos várias maneiras de os movimentos se relacionarem com o Pontificado. Mas o futuro dos movimentos é seguro.

E como é que o Papa vê a Europa?

Estou convencido de que acha que o Velho Continente deixou de ser capaz de se renovar com as suas próprias forças, porque o apego ao poder é muito grande e a tecnocracia se desenvolveu a ponto de uma pessoa se perguntar quem é o povo: onde está o santo povo fiel a Deus? Quando me encontrei com ele em 2018, perguntei-lhe porque é que deposita tanta fé no povo. Falou-me das peregrinações a São Tiago de Compostela, da religiosidade popular na Europa, mas a ideia de que a Igreja europeia pode ser fortalecida nas raízes desta religiosidade popular é uma quimera, a menos que haja uma grande mudança, como a que estamos a viver. O Papa acredita muito na enorme influência dos migrantes, que provêm de lugares de forte religiosidade popular, e não só em termos de devoção, mas como experiência de encontro com Cristo na vida do povo. Está muito preocupado com a falta de solidariedade e fraternidade, que se manifesta nas instituições europeias também nesta crise. Só reencontrando a relação com o povo é que se poderão fortalecer. A pandemia e a crise económica constituem esta oportunidade para a Europa. ■

Compra comprada

“Quando sairmos disto, a emergência maior vai ser o trabalho. Como é que os comerciantes vão conseguir recuperar? Como é que vão conseguir recuperar estas semanas todas sem clientes?”. É uma conversa ao jantar, em família. Marta é professora. Não perdeu nem sequer um dia, pelo contrário, trabalha o dobro. Mas, e os outros? Pensa nas lojas do bairro: a mercearia, o cabeleireiro, a boutique da Carla ...todos de portas fechadas. “Como é que vai ser quando reabrirem? Ou melhor, será que vão reabrir?”.

No dia seguinte, terminadas as lições online, é altura de ir às compras. Vai-se ao supermercado ao pé de casa. Fila, máscara, luvas, desinfetante. E o aviso da “compra comprada”: Se quiseres, podes comprar produtos a mais e deixá-los num carrinho à saída. Quem pode, dá, quem não pode, tira. E o carrinho está cheio. Ao voltar para casa, Marta passa

diante daquelas lojas vazias, até com pó nos objetos expostos nas vitrines. “Se houvesse uma “compracomprada” também para estas atividades...”, pensa. E de repente, ao passar pelo Max, o “seu” cabeleireiro – que tem mulher, duas filhas e quatro trabalhadoras no salão -, tem uma ideia.

Chega à cozinha; rapidamente arruma as compras e depois, “onde é que foi parar aquele cartão de visita ... aqui está. “Max, o meu nome é Marta, vou sempre às terças para arranjar o cabelo ... quer dizer, ia ...”. Está um pouco embaraçada, mas ele reconheceu-a logo. Duas palavras sobre como é que vão as coisas ... não muito bem, certamente. E aqui está a ideia: “Pensei em dar-te já o dinheiro que te vou dever quando recomenciar a ir aí ao cabeleireiro”. Um momento de silêncio. Não estava mesmo à espera daquilo. “Vou pensar nisso”, diz-lhe “tenho de perceber como é que posso fazer isso. De qualquer maneira, agradeço do fundo do coração”.

Passam dez dias. E aparece uma mensagem no telemóvel. Do Max. Promove o seu cabeleireiro e propõe às clientes comprar vales (50, 100, 150 euro ...) com que poderão ir abatendo cortes, tintas, permanentes, com um desconto de 20%. Marta sorri. É a sua ideia. E aceita logo. Manda o dinheiro e em pouco tempo recebe o vale.

Na enésima ida às compras, Marta passa de novo pelo cabeleireiro. Está fechado, mas Max está lá dentro, a preparar as coisas para a reabertura. Marta bate à porta, ele põe a máscara e sai. “Aquele telefonema chegou num dia difícil. Estava desanimado e não via uma saída.” Conta que a seguir tinha contactado a Associação de comerciantes e falado daquela proposta, algumas sugestões e: “Não calculas quantas clientes aceitaram! Consegui pagar as despesas dos meses sem trabalho”.

Despedem-se com um até breve. Marta chega a casa. “É como estávamos a falar naquela noite”, pensa. “Cristo muda o olhar sobre tudo, e tornamo-nos mais nós próprios, mais humanos. Mais Marta”. Tem em mente a cara do Max de há pouco. Uma bela cara. ■

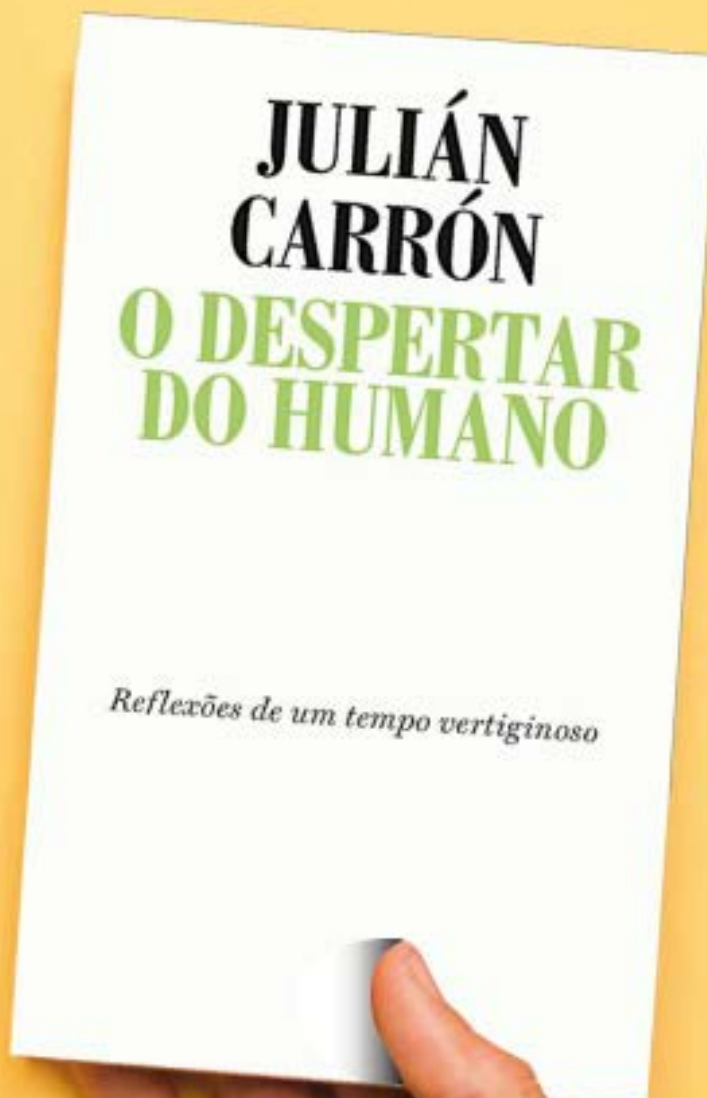
O DESPERTAR DO HUMANO

Reflexões de um tempo vertiginoso

de Julián Carrón

O que estamos a viver com o irromper do Coronavírus leva-nos paradoxalmente a descobrir a essência do humano.

«Mais do que qualquer discurso reconfortante ou receita moral, aquilo de que precisamos é precisamente de identificar pessoas em quem podemos ver encarnada a experiência desta vitória, de um abraço que permite estar diante da ferida do sofrimento, da dor, em que é testemunhada a existência de um significado.»

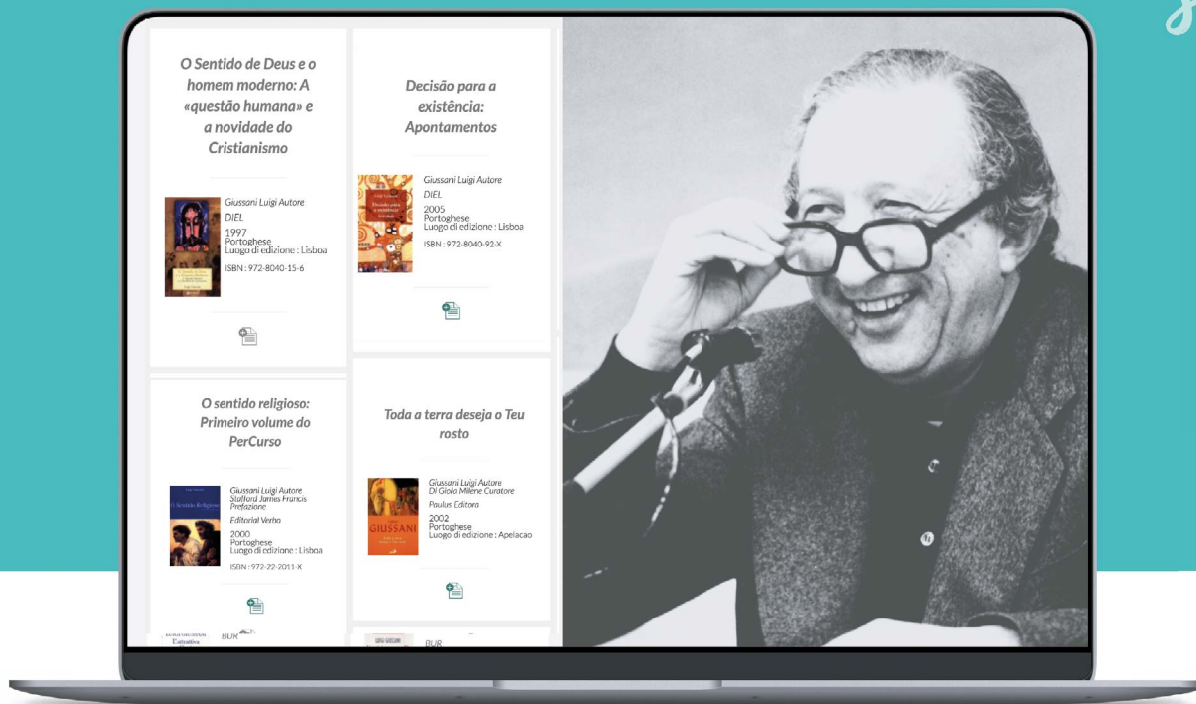


Disponível em

<https://por.clonline.org/>

LUIGI GIUSSANI

scritti



O SITE COM A BIBLIOGRAFIA COMPLETA DE DON LUIGI GIUSSANI

Luigi Giussani

Modalidade de procura simples e intuitiva

Mais de **4.000** citações bibliográficas e mais de **800 TEXTOS COMPLETOS consultáveis online**

História editorial das obras, sínteses dos conteúdos e **traduções (também em português)**



scritti.luigigiussani.org

NOVA FORMA DE FOLHEAR